

O Plano Divino

Por Warren Kenton (Halevi)

Introdução

A tradição esotérica do judaísmo, embora antiga em sua origem, ainda encontra-se viva e em pleno desenvolvimento nos nossos dias. Isso se deve, no que lhe diz respeito, ao eterno problema do descobrimento do propósito da vida humana, e de mostrar de que forma esta se relaciona com o universo e com Deus. O vasto corpo de conhecimento acumulado através dos séculos sofreu muitas mudanças, adaptando-se a diferentes lugares e épocas, embora o estudo da psicologia e da espiritualidade sempre tenham permanecido no centro desta *Hockmah Nestorah*, ou "Sabedoria Oculta".

Hoje em dia a Kabbalah está adotando a linguagem da ciência e da arte modernas para comunicar o seu ensinamento e assim a humanidade possa conhecer qual é a sua verdadeira natureza e, desse modo, tomar consciência de seu propósito e lugar no universo. Isso significa que pode participar do Plano Divino e da Auto-realização, cumprindo assim com o seu destino e servir a Deus.

A Tradição

A palavra hebraica Kabbalah significa "receber". Alguns a interpretam como uma tradição passada de uma geração a outra, enquanto outros a percebem como o conhecimento recebido diretamente do Céu. Esta linha tradicional ou horizontal da Kabbalah, tanto pode ser transmitida particularmente de mestre a discípulo, ou em público, como em um seminário. O modo direto ou vertical de transmissão pode acontecer quando o místico se encontra solitário ou mesmo no meio de uma multidão, e uma voz interna ou uma visão lhe impõe o Ensino.

A Kabbalah é o aspecto esotérico do judaísmo. A Torá, ou Ensino, está entremeada na história antiga dos judeus. Diz-se que as duas tábuas recebidas por Moisés no Monte Sinai representavam as facetas interna e externa da Tradição. A primeira era para ser ensinada durante o dia, ao passo que a última deveria ser estudada à noite e em segredo. Isso era para evitar qualquer interpretação equivocada dos "Filhos de Israel", ou os imaturos, que somente viam a forma externa do texto, em contraste com a "Casa de Israel", os anciãos ou as almas antigas, que podiam discernir o significado interno concernente ao propósito da humanidade e do universo, como também de sua relação com Deus.

A Bíblia hebraica começa com a história da Criação e seus habitantes, além da posição especial da humanidade. Depois delineia as primeiras épocas em que a humanidade progride ou retrocede através de várias etapas, até o advento do patriarca Abraão. Seu sonho visionário que lhe disse para deixar sua casa e ir em busca de um país distante, marca o princípio do período histórico, no qual seus descendentes chegaram a constituir uma

nação escolhida para demonstrar princípios morais e espirituais. O Antigo Testamento descreve toda possível situação humana. Cada história é uma ilustração do que pode acontecer se a Lei Divina é obedecida ou transgredida. Moisés estabeleceu claramente a opção entre o Caminho da Vida e o Caminho da Morte. Entretanto, havia na Bíblia algo mais que um código de conduta. Escondido no texto se encontrava muito sobre psicologia, cosmologia e a natureza do Criador. No entanto, torna-se necessária uma chave para ter-se acesso a tal conhecimento. Essa é a função da Kabbalah.

Dizem que existem quatro formas para se perceber as Escrituras. A primeira é a literal; a segunda, a alegórica; a terceira a filosófica e a quarta a mística. Neste último caso, o conhecimento direto penetra ao relato simples, à imagem poética e à conclusão metafísica para proporcionar uma experiência pessoal da Sabedoria Oculta.

A abordagem mística é a base da Kabbalah. Através dos séculos, e devido 'à grande dispersão dos judeus, surgiram muitas versões da Tradição esotérica. Ainda assim, todas contêm, em sua essência, o mesmo entendimento dos mitos, lendas e histórias associadas à Bíblia. O exemplo seguinte ilustra como a Kabbalah vê os eventos descritos como parte de um Plano Divino.

A Lenda

O cânon escrito trata brevemente da queda de Adão e Eva. No entanto, a tradição oral judaica nos oferece uma visão muito mais ampla do incidente. Alguma coisa do Ensino oral foi incluída no Talmud, que é o expediente rabínico de discussões legais, do folclore e de temas diversos relacionados com a Bíblia.

No Jardim do Éden cresciam duas árvores especiais. Uma era a Árvore do Conhecimento, e a outra era a Árvore da Vida. Elas representam, segundo a Kabbalah, os reinos superiores da Criação ou o Reino da Espiritualidade (a Árvore do Conhecimento) e o Reino da Emanação, ou da Divindade (a Árvore da Vida). Simbolizam a parte mais elevada de uma escada de quatro universos onde o Paraíso, ou o Reino da Formação, e a Natureza, ou o Reino da Ação constituem as partes inferiores. Neste ponto da história, Adão e Eva viviam uma existência idílica no Éden, o reino da alma. Ali havia uma única proibição que era a de não comer do fruto das duas grandes Árvores que se encontravam no meio do Jardim.

Antes dessa situação paradisíaca, Adão era "ambos, masculino e feminino". Ou seja, ^{um} espírito andrógino, manifesto no sexto dia da Criação, quando surgiram os animais do campo. Os peixes do mar e as aves do ar, símbolos dos anjos e arcanjos, precederam a Adão e por isso o seu líder, Lúcifer, o Portador da Luz, considerava a si mesmo superior ao humano recém-chegado. Foi então que o Criador pediu às hostes celestiais que reconhecessem Adão como o mais elevado dos espíritos. Lúcifer se recusou.

Para demonstrar que o ser humano é a imagem mais perfeita da Divindade, estabeleceu-se um desafio no qual Lúcifer e Adão iriam competir na denominação dos animais. Isso foi desastroso para Lúcifer, pois ao arcanjo não fora dada a habilidade de

inventar ou criar. Sua humilhação diante das hostes fez Lúcifer sair enfurecido do Céu, levando consigo uma quantidade de seres rebeldes, que se converteram nas entidades demoníacas que se oporiam a Deus e seriam os eternos inimigos de Adão. Quando o espírito de Adão desceu do reino da Criação para chegara diferenciar-se nas almas masculina e feminina simbolizadas pelo casal no Jardim do Éden, Lúcifer reapareceu como a serpente. Contudo, a inteligência superior dessa criatura decaída não seria desperdiçada, como nada o é no esquema Divino, mas aproveitada como o Satanás, ou "O que põe à prova" a humanidade. Esse obscuro servidor de Deus induziu Adão e Eva a comerem do fruto proibido.

Ambos tinha a opção de resistir à tentação, mas escolheram sucumbir. Como resultado de comer da Árvore do Conhecimento, deram-se conta do poder do livre arbítrio e do bem e do mal. Para evitar que tomassem da Árvore Divina e se tornassem imortais, e antes de serem por isso responsabilizados, foram enviados ao mundo mais baixo, material, cobertos com peles de animais, ou seja, destinados a nascer e a assumir corpos carnis.

A descida da humanidade era parte de um plano no qual Adão e Eva iriam se converter em organismos de percepção para o Divino. Sua ascensão evolutiva e sua exploração da Existência no retorno ao Absoluto seria o instrumento com que Deus iria contemplar a Deus na sua viagem de Auto-realização. O reconhecimento desse papel somente poderá ser visto penetrando-se no simbolismo da história.

A História

Um livro foi dado a Adão pelo arcanjo Raziel, cujo nome significa "Os Segredos de Deus", para ajuda-lo na sua *Teshuvah*, ou retorno. Seu conteúdo foi transmitido às primeiras gerações da humanidade. Infelizmente estas fizeram mau uso do Conhecimento, como é o caso dos "filhos de Deus", os mais avançados espiritualmente, que seduziram às "filhas dos homens", os menos evoluídos, o que gerou monstros muito astutos que prejudicaram a todos. Tal abuso e outras arrogâncias quase deram fim à raça humana, cuja maldade foi cerceada pelo Dilúvio. Afortunadamente a linha de retidão fora mantida por Enoque, que de acordo com a lenda foi transportado ao Céu durante uma meditação, sendo-lhe ensinada a razão da Existência. Ele foi a primeira pessoa completamente auto-realizada, chegando a ser, por meio de uma transfiguração, o grande "Metatron". Como tal assumiu o papel de Mestre dos Mestres e ocupou no Céu o lugar antes pertencente a Lúcifer.

Enoque, o iniciado, reaparece na Bíblia como Melquisedeque, o rei-sacerdote, de quem se dizia não ter pai nem mãe. Foi ele quem passou o Ensino a Abraão, em Salém (Jerusalém), por volta de 1800 anos antes de nossa era. Enoque se manifestou mais tarde como Elias, o instrutor e protetor secreto dos grandes kabbalistas. Ele também aparece de muitas formas através dos séculos para ajudar pessoas merecedoras, já que é o Mestre do Tempo e do Espaço.

Abraão foi o primeiro de unia linhagem que iria gerar três grandes religiões de revelação. Seu nome significa "Pai de Nações ou Tradições". A Torá foi transmitida a Isaac e a seu filho Jacó, cuja transformação em Israel indicou uma mudança do nível psicológico ou

pessoal para ^{um} ponto de vista espiritual ou cósmico. Um dos seus filhos, Leví, manteve a linha do Conhecimento, e foi dentro dessa tribo que nasceu Moisés, por volta do século XIII A.C. A descida para o Egito e a escravidão, que simboliza estar aprisionado no físico, seguiu-se do Êxodo e da subida através do deserto até chegar à terra onde emana Leite e Mel, o reino do Espírito. No Monte Sinai foram mostrados a Moisés os segredos do Céu. Tais segredos foram corporificados nas formas e nos rituais do Tabernáculo e do Templo de Salomão. A estrutura posterior, construída no século X A.C., com os pátios externo e interno, o santuário e o Santo dos Santos, por exemplo, representava os quatro mundos da Ação — *Asiyyah*; Formação — *Yezirah*; Criação — *Beriah* e Emanação — *Azylut*.

Ora! Até mesmo o sábio Salomão, chamado de mestre dos três mundos inferiores podia ser tentado. Ele permitiu que a filha do Faraó instalasse um santuário egípcio no Templo e foi enganado pelo malvado Asmodeu, Rei dos Demônios. Durante algum tempo se converteu em um louco vagabundo, enquanto o demônio sentava no seu trono. Esse e outros erros causaram o desmembramento final do seu reino, símbolo da civilização ideal. Apesar das muitas advertências proféticas, reis posteriores infringiram a Torá, o que levou à inevitável destruição do Templo, no ano 587 A.C. e à primeira dispersão do povo judeu.

O exílio da Babilônia no século VI A.C. ocasionou uma nova formulação da Sabedoria Oculta, influenciada pela mitologia e filosofia babilônica, persa e grega. Ezequiel, um sacerdote visionário, viu a Existência sob a forma de uma enorme Carruagem, que possuía um trono sobre o qual se sentava uma gigantesca figura humana de fogo. Este símbolo místico chegou a ser o modelo do que se chamou a tradição *Hekalot* dos "Vestíbulos Celestiais", surgida nos séculos anteriores à nossa era. Nela os passageiros da *Merkabah*, ou "Carruagem", entravam nos reinos superiores em suas meditações profundas. Destas viagens interiores nos chegam muitos relatos de regiões invisíveis que contêm habitantes celestiais. Alguns grandes místicos asseguravam ter visto a figura ardente do Adão Divino e encontrado e falado com Metatron.

A tradição esotérica chegou à Itália vindo das academias rabínicas orientais em decadência, no século IX e logo após, via o norte da África e a Espanha. A partir daí estendeu-se até a Alemanha, França e mais além. Aqui sofreu uma grande transformação devida ao conflito existente entre a religião e a filosofia, no mundo judeu-árabe do século XIII. Quando a controvérsia entre a revelação e a razão começou a dividir seriamente os judeus, o círculo de místicos usualmente discretos de Gerona, na Catalunha, acharam que a Kabbalah poderia reconciliar essas duas Verdades. Aquele grupo, que incluía o grande rabino Nahmânides, produziu um sistema de pensamento néo-platônico baseado na doutrina secreta da escola francesa de Isaac o Cego, que desaprovava sua publicação. Apesar disso, tais objeções chegaram demasiado tarde, especialmente quando o livro enciclopédico do *Zohar*, editado por Moisés de Leon, converteu-se em um best seller. Esta obra de peso não somente revolucionou as atitudes religiosas dos judeus, mas devido à sua ampla divulgação chegou a influenciar muitos intelectuais europeus, como os eruditos do renascimento, tais como Pico della Mirândola, Reuchlin e Agrippa. Dali surgiram nos séculos XVI e XVII a Cabala Cristã, os Rosacruzes, os Maçons e a Tradição Oculta do

Ocidente. Os quatro naipes do Tarô, por exemplo, estão baseados nos quatro mundos kabbalísticos, enquanto que os arcanos maiores se relacionam com as vinte e duas letras do alfabeto hebraico.

A Kabbalah judia sofreu outra grande transformação no século XVI, quando Isaac Luria, que acreditava ser o Messias, introduziu suas idéias pessoais no centro kabbalístico de Safed, na Palestina Otomana. Ainda que o seu conceito das vasilhas quebradas e dos mundos deslocados fosse contrário à Torá, na qual Deus indica claramente que a Criação era *tov meod*, "muito boa", sua explicação acerca da maldade no mundo foi amplamente aceita. Isso se deveu às contínuas perseguições dos judeus e à sua recente expulsão da Espanha, em 1492. A Kabbalah luriânica se converteu na versão popular da Tradição, enquanto que a linha principal de Moisés Cordovero, seu mestre, continuou sendo a da "Sabedoria Oculta". No século XVII a Kabbalah foi utilizada para rebater os reclamos do falso Messias Shabbetai Zevi. Ao ser-lhe dada a oportunidade de escolher entre a conversão ou a morte, converteu-se ao Islamismo, provocando o colapso de um movimento de grandes proporções; o estudo da Kabbalah foi proibido para todos, exceto os eruditos e os sábios. Manteve-se desta forma até seu renascimento em fins do século XX, como um caminho espiritual para muitos que buscam um significado que se situe para além do materialismo.

A Imagem do Divino

Por conseguinte, em que consistem o sistema kabbalístico e os seus métodos? Em primeiro lugar se encontra o ensinamento concernente a Deus. De acordo com uma escola medieval, o Santo se acha mais além da Existência. Certamente pode-se dizer que Deus não existe. Para esclarecer essa aparente contradição, os kabbalistas utilizavam dois termos filosóficos: *Ain*, que significa "Não-Coisa", e *Ain Sof*, que pode ser traduzido como "Sem-limite". Ambas são definições de algumas formas de ver o Absoluto. Uma indica a Não-Existência e a outra aquele que contém Toda-Existência.

Na Grande obra kabbalista o Zohar se declara que "O Rosto não podia olhar o Rosto". Isso queria dizer que O Santo se encontrava totalmente só, já que nada mais existia. Todavia, "Deus desejava contemplar a Deus", diz a Tradição; portanto, fez-se necessária a criação de um espelho capaz de produzir um reflexo. Esse *specillum* é a Existência. Dizem outros que Deus desejava ser conhecido. Qualquer que seja a razão, foi por um Ato de Vontade que começou o processo de produção de uma série de universos do Absoluto.

E assim surgiu um princípio de acordo para os kabbalistas, que trataram de explicar o inexplicável, quando o Onipresente se contraiu para permitir que surgisse dentro de Si um pequeno espaço. Tal vazio seria a vasilha a ser preenchida pela Existência. Quando Moisés perguntou a Deus que Nome Santo poderia usar para convencer os israelitas de que tinha a autoridade Divina, inicialmente lhe foi dado o nome de *Eheyeh* ou "Eu Sou". Depois, o de *Eheyeh Asher Eheyeh*, "Eu Sou o que Eu Sou". Isso não é somente um título, mas uma intenção, pois contém a razão da Existência. Primeiro está o "Eu Sou", a Fonte do Ser, em seguida vêm as palavras, "o que". O pronome relativo representa a Realidade relativa que irá refletir o segundo "Eu Sou" com em um espelho. Essa declaração

composta define a emergência da Vontade de Deus saindo do Absoluto para produzir uma manifestação na qual O Rosto pode olhar O Rosto. A imagem Divina se contempla no reflexo da Auto-realização. "Eu Sou" é o Ser eterno.

O último nome dado a Moisés e que seria usado pelos Filhos de Israel é o sagrado *Tetragramaton*, constituído das consoantes *YHIM*, e que mais tarde chegou a converter-se graficamente no Homem de Fogo de Ezequiel, conhecido como o *Kavod* ou a Glória, quando as quatro letras são dispostas verticalmente. Nessa posição formam uma figura humana chamada pelos kabbalistas de Adão *Kadmon*, o Homem Primordial. Tais imagens Divinas, ambas, revelam e ocultam o Absoluto em um véu de luz puríssima.

No *Sefer Yezirah*, um livro do século VI, é usada a denominação de *Sefirot*, ou números, vistos como os dez princípios Divinos emanados do Nada para gerar o paradigma em que se basearia a Existência. Essas Sefirot formam a anatomia de Adão Kadmon e representam os diferentes níveis e funções dentro de uma unidade. Eram também vistas como uma Árvore das Luzes Divinas. Tal conceito originou-se provavelmente da Menorá, o candelabro de sete braços do Tabernáculo e do Templo, que continha sete luzes, três junções e vinte e dois adornos. Posteriormente constituíram-se na base do diagrama da Árvore da Vida, surgido na Espanha medieval.

O primeiro nível Divino era chamado pelos kabbalistas de mundo de *Azilut*, que quer dizer "estar perto de". Os místicos filosóficos o viram como o reino da Emanação ou da potencialidade. Aqui se encontrava a dimensão da Eternidade, o protótipo dos três mundos inferiores aos quais se daria o Ser. Certamente alguns o viram como uma Árvore que crescia de cima para baixo, com as raízes partindo do Absoluto, enquanto o tronco se convertia na Criação. Os ramos podiam ser vistos como o Jardim do Éden ou a Formação, e as folhas e frutos como o mundo inferior da Ação. A totalidade dos mundos constituía, em sua forma integral, o marco de um enorme espelho no qual o Absoluto pode contemplar o seu reflexo.

A Escada de Jacó

Vários nomes simbólicos foram dados aos dez Atributos Divinos, segundo as suas qualidades. A primeira e mais elevada das Sefirot chama-se *Keter*, a Coroa, a fonte de tudo. Vêm depois, à direita e à esquerda, *Hochmah-Sabedoria* e *Binah-Compreensão*, correspondendo ao cérebro de Adão Kadmon. Logo abaixo destas, ainda nos pilares exteriores, *Gevurah-Julgamento* e *Hesed-Misericórdia*, os princípios emocionais do medo e do amor. Eram o coração do Adão Primordial. Prosseguindo a descida, e entre as duas últimas, encontra-se a Sefirah *Tiferet-Beleza*, simbolizando o eixo central do Reino Divino. Está no meio da coluna da Graça, que desce de *Keter* e chega até a parte mais baixa da Árvore Sefirótica. Abaixo do plexo solar ou coração do primeiro Adão (*Tiferet*) acham-se as duas Sefirot da ação, *Hod* e *Nezah*, usualmente conhecidas como Glória e Vitória, mas isso pode ser enganoso, já que as raízes das palavras hebraicas significam, respectivamente, "reverberar ou vibrar" e "repetir o ciclo". São às vezes vistas como os braços e pernas de Adão Kadmon. Finalizando a seqüência, e novamente no pilar central, estão as duas últimas Sefirot, *Yesod-Fundação* e *Malkhut-Reino*. A primeira representa o sexo, para alguns

kabbalistas, e a mente ordinária para outros, enquanto que a última Sefirah é vista como a soma total de todas as demais, ou como o veículo Divino, ou ainda como o corpo em sua totalidade.

Ocupando o espaço situado logo abaixo das Três Supremas encontra-se o não-Sefirah Daat-Conhecimento, considerada como o lugar do *Ruach ha Kodesch*, o Espírito Santo, às vezes chamado de a voz do *Logos* – A Palavra de Deus.

O Mundo Divino contém o passado, o presente e o futuro. È o reino atemporal, pois tudo está contido dentro da totalidade do Eterno Agora. Entretanto, para que Deus possa contemplar Deus, torna-se necessária uma extensão da Existência, pois de outro modo não haveria tempo e espaço em que se pudessem experimentar todas as dimensões da Divindade. Faz-se mister o movimento, um sair-se do potencial para o atual. Isso gera uma espécie de multiplicidade, que parte do mundo primordial da Unidade, desenvolvendo-se à medida em que se estende a Existência, um incremento na diversificação que finalmente buscará o regresso à união com sua origem, o Uno, O Ancião dos Anciões, como era chamado o Absoluto.

Segundo a Tradição, cada um dos vinte e dois ornamentos da Menorá de sete braços tem uma letra hebraica a ele associado. Elas representam as conexões entre as dez Sefirot. As letras formam palavras e as palavras formam sentenças, e assim sucessivamente. Deste modo, diferentes combinações do *Alef-Beis* estabelecem a diferenciação. Quando o Criador disse "faça-se a Luz", precipitou a Criação, na qual a divisão entre o Dia e a Noite estatuiu os pilares exteriores, positivo e negativo, colunas de um novo universo inferior. No Segundo Dia veio o firmamento, sendo o cosmos da *Criação-Beriah* separado do reino da Emanação. Assim começaram a surgir os três primeiros mundos. Ao Terceiro Dia fez surgir a Água e a Terra, unindo-as ao Ar da Criação e ao Fogo do mundo Divino. Esse dia também estabeleceu a "Vida" na manifestação das plantas. No Quarto Dia apareceram as luzes celestiais e os ritmos cósmicos, enquanto que o Quinto Dia viu a criação das aves do Ar e dos peixes do mar. Os arcanjos viviam na Criação, que é um mundo gasoso, ao passo que os anjos iriam existir no da *Formação-Yezirah*, que é um universo líquido. Ao Sexto Dia vieram os animais do campo, as criaturas sólidas ligadas à Terra, e um segundo Adão "Espiritual". O último dia foi destinado pelo Criador ao descanso, e foi o primeiro Sabá dedicado a refletir sobre Beriah.

Além deste mundo de idéias beriáticas, como o chamariam os platônicos, vêm os sete vestíbulos do Céu, que figuram com muita freqüência na literatura *Ilekalot*. Ali é onde se encontra a essência de toda a criatura. Suas "formas" irão se manifestar no mundo de Yezirah, que começa a surgir. Neste lugar do Jardim do Éden, é onde se encontra qualquer forma e tamanho de pedra, planta ou animal que serão vistos no reino da Natureza. Foi no mundo da Formação-Yezirah que o andrógino Adão Espiritual se dividiu nas duas almas gêmeas de Adão e Eva, que aqui residiram até que foram tentados e tiveram que descer ao mundo inferior da Manifestação Material-As-h, onde as entidades mineral, vegetal e animal penetraram nos quatro estados da matéria. O tempo aqui é o "presente", transitório, sempre em movimento, sempre mutável, em contraste com o Eterno "Agora". E mesmo assim, ainda que envolvidos em espírito, alma e *corpo*, Adão e Eva contêm uma centelha da Divindade e a possibilidade da redenção.

Quando Jacó sonhou com uma grande Escada que se estendia desde a Terra até o Céu, viu a Grande Cadeia do Ser. Viu também *Melechai*, mensageiros, que subiam e desciam, indicando os dois processos – um que vinha do alto e outro que ia de baixo. Alguns kabbalistas consideram isso como a descida das almas até a Terra para nascer, e sua ascensão depois da morte. Outros vêem como o regresso ao Divino. A Kabbalah nos ensina que cada ser humano é uma célula no corpo de Adão Kadmon que desce como um ser inocente para os três mundos inferiores a fim de adquirir experiência e futuramente reunir-se com o Adão Divino e partilhar o que recebeu. Esse processo deverá continuar até que Adão Kadmon fique consciente de cada recanto e de cada detalhe da Existência. Desse modo os três mundos inferiores se transformarão em um reflexo que se sintetizará dentro de uma só imagem Auto-consciente. Ajudar para que isso aconteça é a meta da prática kabbalística. Alguns tradicionalistas o chamam de *Tikkun*, ou restauração, e outros falam que é a redenção. O objetivo é o mesmo, a evolução individual e coletiva.

Anjos e Demônios

De acordo com a Kabbalah, existe uma profunda diferença entre as entidades angélicas e os seres humanos. Aquelas foram criadas durante os primeiros Sete Dias, enquanto que a humanidade já existia antes, como centelha da Divindade. Isso conferiu aos humanos a habilidade especial de atuar em qualquer nível. Os anjos e os demônios, por sua vez, foram confinados a mundos e funções específicos por não possuírem livre arbítrio para fazer o que quisessem. Se tal acontecesse, instalar-se-ia um caos total no universo. Uma história kabbabsta ilustra bem o por que disso.

Quando o Criador perguntou aos anjos sua opinião sobre a oportunidade de criar Adão, aqueles que se encontravam no lado direito, misericordioso, do Céu responderam que seria bom, ao passo que os que estavam no lado esquerdo, do julgamento, o consideraram mal. Cada grupo enxergava somente a partir do seu ponto de vista, como os seres humanos otimistas ou pessimistas que vêem a vida de acordo com os seus temperamentos. Lúcifer, como sabemos, recusou a introdução de Adão na Criação, enquanto que o Grande Miguel e Gabriel, que também ocupam posições centrais - embora a um nível inferior - na hierarquia angélica, disseram que Adão acrescentaria glória à Existência.

Depois que os poderes angélicos rebeldes abandonaram o Céu, o desejo de destruição se converteu na sua principal função, já que alguém no sistema universal precisaria tomar a si a tarefa de romper e destruir qualquer coisa redundante, má ou morta. Assim como as bactérias e os fungos têm seu lugar no descarte da matéria decadente da Natureza, os demônios ocupam-se da decomposição de elementos não-físicos, bem como situações enfermigas ou moribundas. Eis a razão por que Satã é algumas vezes chamado de Anjo da Morte. Os kabbalistas evitam encontros com tais criaturas sinistras ao largo de suas excursões aos reinos invisíveis. Contudo, não se evita tão facilmente a Lúcifer. O papel de Satã é o de testar a integridade dos místicos, tentando o lado obscuro de suas psiques ou inflando qualquer soberba espiritual. O Livro de Jó trata bem desse assunto. As entidades angélicas inferiores são os espíritos da Natureza. Têm sob a sua responsabilidade lugares

tais como rios, bosques e montanhas, bem como as espécies vegetais e animais. Existem também os elementais encarregados do clima. Cada deva tem gravada sua ocupação na testa. Ela sempre termina com a palavra El-Deus, para lembrar-lhe a quem serve. Assim, o anjo encarregado da neve chama-se Shalgiel, enquanto o que tem a seu cargo os raios tem o nome de Barakiel. Tais seres somente podem agir se as condições forem favoráveis à sua manifestação.

Os seres angélicos encontram-se organizados em hostes nos pilares direito, esquerdo e central. Estão subdivididos em coortes e legiões, com ordens hierárquicas comandadas por arcanjos. Muito dessa informação nos foi transmitida desde o tempo do exílio na Babilônia, embora um conhecimento considerável sobre o assunto tenha -sido colecionado pela ascensões místicas aos vestíbulos Hekalot pelos condutores da Merkabah de escolas posteriores, como as dos Fariseus, dos Sacerdotes e provavelmente dos Essênios. Alguns deles descrevem suas visões dos angélicos como seres alados enormes, rodas cósmicas com olhos, rostos luminosos e vozes sem corpo. Os mundos da Formação e da Criação possuem uma população tão variada como qualquer habitat da terra.

Os arcanjos mais conhecidos são Miguel, Gabriel e Rafael, que cuidam das portas do Céu e exercem funções particulares. Miguel é o Capitão das Hostes Celestiais e o Sumo Sacerdote do Templo Celestial, enquanto Gabriel é o anjo guardião original e aquele que anuncia a Vontade Divina. Rafael representa o princípio da cura espiritual. Existem também as chamadas Quatro Santas Criaturas Vivas. A que tem a forma de Homem representa o Divino, ao passo que a que aparece como águia simboliza a Criação. O arcanjo leonino cuida do Éden, enquanto o Grande Boi Alado supervisiona o reino físico. Esses quatro guardiães espirituais oscilam em torno do Trono do Céu, sendo que uma entidade arcangélica chamada Sandalfon atua como intermediária entre todos os mundos. Conta-se que isso se deve a que Sandalfon é outra manifestação de Metatron, mas em um nível inferior, já que o seu nome significa "co-irmão", ou "cooperados". Diz a lenda que Sandalfon tece guirlandas com as orações e as leva ao Santo. Esta posição única é possível por que, segundo ainda a Tradição, Sandalfon é tão alto que se estende por toda a Escada de Jacó. Todas essas histórias estão cheias de implicações esotéricas. Por exemplo, para o *Zaddik*, ou o ser humano justo, Deus é todo ouvidos, e por isso muita gente comum e humilde a ele recorre, na qualidade de santo ou sábio, para pedir em seu nome. Isso se deve a que têm a habilidade de penetrar nos mundos superiores e alcançar o nível Divino. Tal capacidade é possível para o indivíduo desenvolvido que é o microcosmo da Existência. "O Rosto dentro do Rosto", como o chamam alguns kabbalistas.

A Humanidade

A humanidade é única. Não se assemelha a nenhuma outra criatura, já que, além de possuir o livre arbítrio, tem, como sabemos, o poder de penetrar ou de estar consciente em todos os quatro mundos. Cada ser humano provém de ^{um} órgão ou membro particular de Adão Kadmon. Esta é urna forma simbólica de dizer que tem um propósito específico. Como célula da Divindade e com um propósito determinado, cada indivíduo desce à Criação com o grito "Cu Sou" no momento em que entra no tempo. Aqui, a entidade humana se envolve em um espírito. Em seguida baixa através dos Sete Céus e

entra no reino das Formas, onde se divide e veste-se como duas psiques separadas mas complementares, uma masculina e outra feminina. Também fazem parte de um grupo de almas que tem suas raízes em um determinado membro, órgão ou função de Adão Kadmon.

De acordo com o Zohar, os cônjuges e seus companheiros residem no Éden ou a Casa do Tesouro das Almas, como é chamado, até que chega o momento de sua encarnação. Todos deixam o Paraíso muito contrariados, e para nascer descem ao mundo físico. Aí começa uma longa viagem de regresso até à Fonte. No princípio todos vivem juntos, porém mais tarde se dispersam para adquirir experiência. Quando atingem o nível de maturidade individual encontram-se de novo e se reúnem com os demais para concluir sua parte no Plano Divino, no qual suas vidas, assim como o seu trabalho se converterá no reflexo do Santo.

É desnecessário dizer que uma vida não será suficiente para completar o treinamento e a missão da cada indivíduo. Segundo a Kabbalah, o ciclo da transmigração das almas, chamada *Gilgulim* ou "Rodas", é necessário para completar um destino. Por conséguente, as almas gêmeas freqüentemente precisam separar-se para aprender lições importantes antes que possam unir-se como um casal sábio e confiável, capaz de levar a cabo sua função espiritual conjuntamente. Devido ao livre arbítrio e aos inevitáveis erros, essa reunião demora a acontecer, já que o Carma ou o *Midah ke-neged Midah*, Medida por Medida, como o chamam os kabbalistas, se cumpre. A busca da alma gêmea faz parte desse processo, e quando tudo se conclui, o par se encontra e se une.

No período entre vidas o indivíduo desencarnado regressa aos mundos superiores para, em primeiro lugar passar por um processo de limpeza purgatória de reflexão, e depois recolher-se ao seu nível apropriado. Tal nível tanto pode ser a *Gehenna*, ou o Inferno, que é o lugar onde os pecadores renitentes são asilados, suportando a desagradável companhia dos seus semelhantes, quanto o que se chama de Paraíso Terrestre, em que o Jardim do Éden é o meio ambiente para um merecido repouso. Algumas almas mais evoluídas podem ascender ao Paraíso Celestial, onde se leva um tipo de vida mais refinado depois da morte. Uns poucos seres que já tenham desenvolvido plenamente sua capacidade espiritual, podem elevar-se para alcançar um dos Sete Vestíbulos do Céu, onde se encontram as chamadas Academias do Alto, presididas por Mestres eminentes.

O tempo decorrido nos mundos superiores depende de muitos fatores. Ma maioria dos casos, trata-se de uma geração, para que assim os membros de um só grupo possam reunir-se e descer à terra ao mesmo tempo e desse modo continuar o seu desenvolvimento ou o seu trabalho coletivo, cumprindo com o seu destino cármico. Os indivíduos ou os grupos mais avançados, os que lograram aprender a viver no espírito, podem escolher quando e onde renascer para cumprir suas missões especiais. Estes são os grandes homens e as grandes mulheres que fazem a História. Do outro lado da balança existem pessoas, tais como os suicidas, que se encontram aprisionados em uma espécie de limbo entre os vivos e os mortos. Surgem como fantasmas

ou *dybbuk*, que pretendem resolver seu problema vagando pelos lugares onde viveram ou apoderando-se de pessoas susceptíveis, a quem tratam de possuir e dessa forma poderem re-entrar na fisicalidade sem terem de passar pelo necessário processo de *post-mortem* e do pré-natal. Como se pode ver,

10

existe um longo caminho a percorrer na progressão dos seres humanos que sobem e descem pela Escada de Jacó. Este panorama está descrito no Livro de Enoque, uma obra do período Hekalot, no qual Metatron mostra ao rabino Ismael uma imensa cortina cósmica, o *Pargod*, que se desenrola desde o Céu. Seu desenho representava a forma total da História, desde o princípio dos Tempos até o Final dos Dias, quando se completará o Plano Divino. Os fios individuais que constituem esta tela assinalam a seqüência das *sinas* que uma pessoa deve viver até aprender e executar seu Destino.

Existem muitas espécies de fios, sendo alguns de ouro, outros de prata e ainda outros de todos os tipos de fibras. Mesmo assim, todos têm o seu lugar na característica do padrão, que no devido momento se ajusta dentro do grande projeto dessa cortina.

Dizem que o lugar do *Pargod* é onde mora o Messias, o qual é a pessoa que, estando encarnada, ocupa, em cada geração, a posição de ser a conexão entre todos os mundos. Somente um pequeno número de indivíduos na Terra sabe quem são os *Lamed Vav*, os "Trinta e Seis" justos, embora O Grande e Santo Conselho do Céu, presidido por Metatron, conheça o homem ou a mulher que exerce tal mister. O Messias é a ponta de lança da humanidade encarnada, seguido da companhia de seres iluminados.

A Sabedoria Oculta

Todos nós nascemos com um corpo, que contém os estados sólido, líquido, gasoso e radiante, bem como vestígios de metais e minerais. Possuímos também um componente vegetal que pode comer, beber, crescer, propagar-se, envelhecer e morrer. A combinação física se complementa com a alma animal, que tem uma inteligência instintiva e a habilidade de mover-se, socializar-se, expressar estados de ânimo e trocar informações. Na Kabbalah esse conjunto de capacidades vitais chama-se *Nefesh*, que é a força motriz da maioria das pessoas que procuram viver confortavelmente e ter uma existência social agradável. Além desses, existem aqueles que desejam cultivar sua condição humana e encontrar o seu lugar e propósito no universo. Depois de uma longa procura, tais indivíduos encontram finalmente uma tradição espiritual capaz de instruir o buscador nos labores da alma, nas dinâmicas do universo e nas suas relações com o Absoluto.

A primeira lição consiste em que cada indivíduo é uma versão em miniatura de toda a Existência. O corpo de um indivíduo, sua psique, espírito e centelha correspondem, ao macrocosmo dos quatro mundos. Por outro lado, esses níveis inatos são veículos por meio dos quais o aspirante pode realmente penetrar e experimentar os reinos de *Asiyyah*, *Yezirah*, *Beriah* e *Azilut*, e desse modo poder vislumbrar o extenso drama de que fazem parte. Paralelamente aos estudos teóricos, encontram-se as práticas que lhe darão a

disciplina que o capacitará a fazer frente ao poderoso impacto do conhecimento direto e da iluminação. Tais métodos se dividem entre os caminhos da Ação, Devoção e Contemplação.

O primeiro daqueles métodos é o dos exercícios físicos e dos rituais, o segundo se refere à oração ou às meditações do coração, enquanto que o terceiro pode ser os estudos

11

intelectuais da metafísica, tais como a compreensão das Divinas Sefirot.

O grau de execução de todos esses caminhos determinará o desenvolvimento do estudante. Com o tempo o aspirante terá a capacidade de distinguir entre os estímulos do corpo, os baixos impulsos psíquicos centrados em torno do ego-yesódico e o estado de consciência do Ser interno, o de Tiferet que é o pivô da Árvore psicológica. Mais tarde surgirá uma conscientização da alma mediante a percepção da sina como resultado da escolha e do temperamento. Depois disso vem a evolução da dimensão transpessoal do espírito, capaz de revelar ao estudante o seu destino ou o seu trabalho dentro do esquema Divino. Ao longo dessas fases do crescimento haverá momentos de revelação dos reinos superiores. Pode acontecer que, em casos excepcionais, receba a visita de Elias para a instrução avançada. Isso é comum, como muitos distintos kabbalistas têm reportado ou insinuado através dos séculos.

Muitos kabbalistas falam de ter um *Maggid*, ou um Mestre invisível, às vezes chamado de anjo guardião, que protege à medida em que instrui. Um anjo, como já dissemos, é um mensageiro. Aqueles seres particulares a que nos estamos referindo são seres humanos desencarnados que atuam como tutores do místico. Alguns são santos ou sábios que faleceram há muito tempo, outros são de um calibre inferior, dependendo da etapa de desenvolvimento em que se encontra o kabbalista. Tais entidades geralmente intervêm nas vidas das pessoas boas, especialmente nas das crianças, quando elas se encontram em perigo. Podem não ser vistas, mas a sua presença não terrena usualmente é percebida durante ou depois de uma intervenção miraculosa.

Ó efeito cumulativo de gerações de místicos de cada tradição, incute lentamente na consciência da humanidade fatos acerca do universo e de Deus. Cada linha esotérica possui seus próprios métodos, códigos e metafísicas que trazem consigo, em primeiro lugar uma iluminação individual, e depois uma evolução coletiva de almas. Quando isso acontecer, o Messias aparecerá a todos e começarão os Dias da Ressurreição. Isso significa o levantamento dos diligentes e dos mortos, ou dos espiritualmente despertos e dos adormecidos, para a última fase da Existência, à medida em que a humanidade se conscientiza de todos os mundos.

Ao ser dado o sinal, as pessoas serão julgadas de acordo com a sua atuação total, conforme vão retornando à sua origem. Á proporção em que cada indivíduo se levanta e se funde com o seu grupo, dentro do seu lugar em Adão Kadmon, assim essa imagem incrementará sua realização com aquele a quem reflete. Quando todas as centelhas humanas se houverem reunido com o Ser Último, "Eu Sou o Que Eu Sou" tornar-se-á Uno, enquanto o Rosto se fundirá com o Rosto. Nesse momento de conclusão, a Existência não será mais do que um fulgor no olho do Ancião dos Anciões. O Santo se encontrará novamente só, talvez antes do começo de uma nova *Shemitrab*, ou Grande Ciclo Cósmico.,

(Traduzido da versão espanhola por Danilo Negócio.
Petrópolis, Dezembro de 1998)